

# Previdência garante metade

Convênio entre Ministério e hospital cria Sistema

## da verba do Sarah

Integrado que será padrão nacional

“Entrego aqui o embrião do resgate do serviço de saúde pública no Brasil”. Com essas palavras, o presidente da Fundação das Pioneiras Sociais e chefe do Hospital Sarah Kubitschek, Aloysio Campos da Paz Júnior, passou o documento firmando convênio entre o hospital e a Previdência Social ao ministro Raphael de Almeida Magalhães. Com a assinatura do convênio, no final da tarde de ontem, o Sarah tornou-se um Centro Nacional de Referência para Reabilitação traumatológica e Ortopédica, com 50 por cento de seus custos garantidos pelo Ministério, que somam Cz\$ 5 milhões.

Foi criado também o Sistema Integrado de Reabilitação Traumatologia e Ortopedia, o Sirto, com o intuito de estabelecer um padrão nacional de assistência médica nessa área. e Conforme o convênio firmado, esse padrão de assistência deve ser abrangente, uniforme com os recursos técnicos e financeiros disponíveis, racionalizando o desempenho das instituições assistenciais.

— Estamos estabelecendo um convênio de co-gestão com o Hospital Sarah Kubitschek, que merece ser visto pelos brasileiros para que o serviço aqui prestado seja estendido a todos independentemente de suas posições sociais — disse o ministro Raphael Magalhães. Acrescentou que o que atualmente é gasto com saúde no País ainda é muito pouco, apesar da importância do setor. Como exemplos citou Argentina e Chile que gastam seis por cento do Produto Interno Bruto com saúde, enquanto no Brasil essa porcentagem não passa de quatro. No entanto, o ministro ressaltou que a fim de possibilitar a reivindicação de mais fundos para a área de saúde, é fundamental que a qualidade dos serviços avance. Nesse sentido, segundo o ministro, a criação do Sirto é um marco importantíssimo.

O objetivo máximo do Ministério da Previdência e Assistência Social, na visão do ministro, é fazer com que todos os brasileiros possam contar com um serviço de ortopedia equivalente ao prestado pelo Hospital Sarah Kubitschek. Após visitar algumas instalações no hospital, ele se declarou impressionado com o atendimento. “Aqui tive a certeza de que é possível ao Estado prestar excelente assistência médica. O padrão daqui tem que ser reproduzido”, afirmou.

### REVOLUÇÃO

Entre os objetivos básicos do Sistema Integrado, que deve revolucionar a assistência médica no setor de ortopedia, está incluído o estabelecimento de normas técnicas e rotinas que regulem a prática desse atendimento, controlando o uso de equipamentos e instrumentos adequados. E intenção também

estabelecer mecanismos para formação de recursos humanos qualificados, na área médica e paramédica para suprir as necessidades dos integrantes do novo sistema.

Neste ponto o Sirto estabelece que a prestação de serviços será remunerada de maneira condigna de modo a permitir uma atividade médica assistencial em nível ético. Para tal, o sistema propõe que a relação de trabalho dos médicos ligados ao sistema seja de tempo integral e em apenas um local no total de não mais de oito horas por dia. O Sirto estabelece também as diretrizes para o emprego racional das próteses e material de implante e a fiscalização de seu uso. Além disso, para que o médico exerça a especialidade de ortopedia e traumatologia ou qualquer prática de reabilitação do incapacitado do aparelho locomotor no sistema o médico terá que completar residência em instituição credenciada por parecer do Sirto e realizar treinamento em tempo integral e dedicação exclusiva em um período mínimo de três anos.

Essas são apenas algumas das especificações desse sistema, programado por 20 médicos especialistas em ortopedia provenientes de diversos hospitais ou universidades do País. Composto a Câmara Técnica do Sirto, esses médicos; reunidos em Brasília desde segunda-feira, delinearam a diretriz fundamental para a ação do novo sistema. “Essa ação está baseada em uma visão da pertinência do ato médico, a partir de uma ética social e não corporativista”, revelou o diretor do Sarah Kubitschek, Aloysio Campos da Paz Júnior.

Explicou que as normas técnicas implantadas pelo Sirto serão aplicadas nos convênios, ou instrumentos jurídicos semelhantes entre o Inamps e demais entidades públicas ou privadas. “A questão não está entre público e privado, mas sim prestar um bom atendimento médico”, ressaltou Campos da Paz, acrescentando que o princípio desse sistema está na melhoria da qualidade deste atendimento. Para ele, o Sirto não implica custo adicional para o governo; pelo contrário, pode contribuir para uma economia, evitando que casos aparentemente simples tornem-se complicados por deficiência no atendimento médico, o que, segundo ele, ocorre na maioria dos casos de pacientes com problemas no sistema locomotor.

“Tem coisas que são epidêmicas. Espero que essa boa epidemia pegue no Brasil”, disse o diretor do Sarah, referindo-se à idéia de criação do Sirto, fundamentada pelos especialistas do setor. Ele acredita que a criação de sistemas para melhoria de atendimento pode ser estendida a outras áreas da medicina no País, o que seria um passo importante para um avanço no terreno de assistência médica.

# Fratura vira caso difícil

Três de cada cinco doentes que procuram médicos e hospitais para tratamento ortopédico, traumatológico e de reabilitação do aparelho locomotor o fazem após terem sido submetidos a tratamentos médicos não apropriados. Essa informação foi dada por médicos do próprio Hospital Sara Kubitschek, um dos centros que mais sofre em consequência desse fato, já que a maioria dos pacientes que para lá se dirigem vem de outros hospitais, de todo o País, ou de tratamentos malsucedidos.

Segundo o diretor do Sarah, Aloísio Campos da Paz Jr., esse problema é fruto desde a inexistência de normas técnicas específicas para atendimento, até a perda de qualidade dos serviços devido a uma formação deficiente de profissionais. Há também o uso indiscriminado de materiais de tratamento por determinação dos médicos, seja por pressões econômicas ou interesses empresariais. Com isso, fratura simples de perna ou braço que resultou de acidentes domésticos ou de trânsito que poderia ser recuperada em poucos meses é complicada chegando, muitas vezes, até a comprometer a função locomotora do paciente.

“O Sarah Kubitschek já se tornou um centro de referência de complicações”, disse o diretor do hospital. De fato, exemplos de caso antes simples que agora permanecem em longos tratamentos circulam regularmente pelos corredores do moderno hospital. Esse é o caso, por exemplo, do paciente José Pereira Silva, 34 anos. Vindo de Imperatriz, no Maranhão onde trabalhava como garçom e deixou três filhos, após ter quebrado o colo do fêmur num atropelamento, José Pereira ainda não anda. Conta que logo após o acidente foi levado para um hospital em sua cidade, onde fez uma cirurgia. “O problema todo foi que deu infecção. Como lá não tinha recurso, tive que vir para Brasília. Meus patrões fretaram uma ambulância que me trouxe até aqui”, relatou.

José Pereira garantiu que, se

não fosse a complicação que surgiu na sua terra, poderia ter terminado o tratamento lá mesmo. Aparentemente tranquilo, entretido num jogo de xadrez, José tem a esperança de voltar logo para sua terra e rever a família.

O mesmo drama sofre Albertino José da Conceição, carregador, 44 anos, que foi atropelado em dezembro e quebrou a perna em três lugares. A princípio, segundo ele, seu problema seria facilmente contornável. No entanto, após um mês de tratamento no Hospital de Base, Albertino recebeu alta, ainda sentindo dores na perna. Um mês depois, notou que sua perna começava a inchar.

Albertino não sabe explicar o que houve de errado, mas conta que “está com infecção do osso”. Ele está no Sarah há mais de um mês, e até agora só consegue andar com a ajuda de uma muleta.

As crianças também não ficam atrás. Provavelmente sofrem ainda mais porque não entendem bem o porquê de sua presença no hospital. Neuraque Souza Teixeira, 4 anos, faz tratamento naquele hospital desde que tinha apenas 10 dias de vida, quando fez a primeira operação. Sua família mora em Santa Rita de Cássia (BA) e para lá ela volta toda vez que recebe alta. No entanto um tratamento em Brasília a cada seis meses é indispensável para a sua recuperação. Sua mãe, a dona-de-casa Maria Amélia Teixeira, conta que a menina já nasceu com um tumor na coluna, o que seria a causa básica de seu problema de locomoção — ainda hoje ela consegue andar com dificuldade, só com a ajuda de aparelhos. Segundo Amélia, o médico na Bahia aconselhou trazer a criança ainda recém-nascida, para tratamento no Hospital de Base, pois lá não havia condições de proceder o tratamento. “Com muita dificuldade eu e meu marido conseguimos trazer ela para cá. Foi um sacrifício mas compensou”, diz.

## Cem leitos no 4º andar

Desde ontem, o Hospital Sarah Kubitschek passou a ser o segundo no mundo, em número de leitos, para atendimento ao paciente lesado medular, atrás apenas do Hospital Stckmanderville na Inglaterra. Paralelo à assinatura do convênio entre o Sarah e o Ministério da Previdência e Assistência Social para a criação do Sirto, foram inauguradas as novas instalações no quarto andar, dando agora ao

hospital 100 leitos para atendimento desses casos.

Essa mudança vai melhorar significativamente o atendimento, já que é nesse setor que se encontra o maior número de pessoas a espera de uma vaga para tratamento. Para atender ao aumento de pacientes, foram contratados 10 novos enfermeiros que estão em treinamento desde agosto.